

SESSÕES DO PLENÁRIO

4ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 10 de fevereiro de 2020.

PRESIDENTE: DEPUTADO NELSON LEAL

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Boa tarde a todos e a todas.

Invocando a proteção de Deus declara aberta a presente sessão especial em comemoração aos 40 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e de outorga das comendas Dois de Julho ao ex-deputado Manoel Alcides Modesto Coelho, proposta pelo Líder da Bancada do PT, deputado Marcelino Galo Lula, e ao economista e professor José Sérgio Gabrielli de Azevedo, proposta pelo Líder do Governo, Rosenberg Lula Pinto.

Convido para compor a Mesa o Líder do Governo, autor da proposição e da sessão, deputado Rosenberg Lula Pinto; o Sr. Proponente da sessão, autor da proposição e Líder do PT, deputado Marcelino Galo Lula; Sr. Deputado Federal Zé Neto, vice-Líder do PT na Câmara dos Deputados; Sr. Presidente do PT-BA, Éden Valadares; o Sr. Presidente do PT municipal, Ademário Costa; a Sr.^a Cônsul-Geral de Cuba Milena Caridad; a Sr.^a Prefeita do município de Lauro de Freitas, Moema Gramacho, representando todos os prefeitos e prefeitas do PT e todas as mulheres aqui presentes; Sr. Secretário e Presidente do PCdoB, Davidson Magalhães; Sr. Representante do PSB Rodrigo Ita. (Palmas.)

Eu queria, em primeiro lugar, pedir as nossas desculpas, nós estávamos com o governador Rui Costa, no município de Barreiras, e demoramos um pouco além do previsto. Mas, eu não poderia, e agradeço a compreensão de todos, sobretudo dos deputados Rosenberg Pinto e Marcelino Galo, mas nós não poderíamos deixar de estar presidindo uma sessão tão importante.

Eu gostaria de convidar todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino Nacional com o violinista Júnior Santana.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Assistiremos neste momento a um vídeo sobre os 40 anos do PT.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

Quero registrar a presença dos deputados: Aderbal Fulco Caldas, Adolfo Menezes, Euclides Fernandes, Fátima Nunes Lula, Jurandy Oliveira, Maria del Carmen Lula, Olívia Santana, Osni Cardoso Lula da Silva, Robinson Almeida Lula, Rosenberg Lula Pinto, Vitor Bonfim, Zé Raimundo Lula.

Quero registrar a presença dos deputados federais Daniel Almeida, Joseildo Ramos, Lídice da Mata, Waldenor Pereira e Zé Neto. Dos nossos ex-deputados Álvaro Gomes, Emiliano José, Yulo Oiticica, Zé das Virgens, Luiz Caetano, Luiz Alberto e Isaac Cunha.

Registrar as presenças dos secretários: da Casa Civil, Bruno Dauster; da Educação, Jerônimo Rodrigues; da Serin, nossa secretária Cibeles; o secretário de Trabalho, Emprego e Renda, Davidson Magalhães; a secretária de Cultura Arany Santana; o secretário de Desenvolvimento Urbano, Nelson Pellegrino; a secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis; o secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Carlos Martins; secretário de Meio Ambiente, João Carlos Oliveira; a secretária de Políticas para as Mulheres, Julieta Palmeiras e o secretário de Administração Penitenciária e ressocialização, Nestor Duarte.

O Sr. Ex-Ministro da Cultura dos governos Lula e Dilma, Juca Ferreira; a Sr.^a Presidente da CUT-Ba, Maria Madalena...

O Sr. Rosemberg Pinto Lula (fora do microfone): Leninha.

Leninha – como diz Rosemberg, ninguém vai saber quem é; a Sr.^a Marli Carrara, representando o Movimento pela Moradia. (Palmas)

Assistiremos agora a performance da *drag queen* Petra Peron.

(Procede-se à apresentação artística.)

(A plateia se manifesta.)

A Sr.^a Petra Peron: Boa tarde, gente. Eu não vou demorar muito. Na minha performance, já falei boa parte do que eu queria falar.

O novo sempre vem. O PT tem 40 anos de luta, mas está abraçando as novidades, e eu sou uma delas. Sou a primeira “pré-co-candidata” LGBT da história do PT de Salvador. E vamos fazer um movimento bacana, vamos reposicionar a esquerda em nossa cidade.

Sigamos juntas, juntas e vamos que vamos, está o.k.?!

Beijo grande! Beijo! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Convido a comissão formada pelas seguintes pessoas: deputada Maria del Carmen; deputado Zé Raimundo; deputado Robinson Almeida; deputada Fátima Nunes; deputado Osni; deputado Waldenor Pereira; secretário Nelson Pellegrino; deputada Olívia Santana para conduzirem a este recinto o governador Rui Costa, o senador Jaques Wagner e os homenageados: o ex-deputado Manoel Alcides Modesto e o economista José Sérgio Gabrielli. (Palmas)

(Pausa)

Nosso querido e amado senador Jaques Wagner já se antecipou. Então, convido nosso senador para compor a Mesa. (Palmas)

(Pausa)

(Os homenageados são conduzidos ao Plenário.) (Palmas)

Registro a presença do deputado Jorge Solla.

Assistiremos agora a uma apresentação da cantora Yzalú, que cantará a música *Mulheres Negras*, de sua autoria e de Eduardo Taddeo.

A Sr.^a Yzalú: Boa tarde, sou Yzalú. Vim diretamente de São Paulo e quero agradecer ao convite de Dj Branco e a Aldinha, que me recebeu tão bem. Vou cantar a música chamada *É o Rap Tio*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Queria, neste momento, convidar o senador Jaques Wagner, primeiro presidente do PT, e os deputados Rosemberg Pinto e Marcelino Galo para juntos entregarem uma placa em homenagem pelos 40 anos do PT ao ex-presidente estadual da legenda Jonas Paulo. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero convidar o ex-presidente Everaldo (palmas) para entregarmos, na comemoração dos 40 anos do PT, um quadro grafitado pelos artistas Questão, BK e Oliver, ao atual presidente do partido, Éden Valadares, militante histórico. Então, há essa transição aí.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Convido agora para se pronunciar o presidente do PCdoB, que falará em nome de todos os partidos aliados, Davidson Magalhães. (Palmas)

O Sr. DAVIDSON MAGALHÃES: Boa tarde a todas e a todos. Presidente, Ex.^{mo} Deputado Estadual Nelson Leal, que está presidindo a Assembleia Legislativa e este evento importantíssimo para a democracia e para o povo brasileiro, que é a comemoração dos 40 anos do Partido dos Trabalhadores. Governador Rui Costa; senador Jaques Wagner, homenageado José Sérgio Gabrielli, companheiro de luta que tem sido perseguido por esse governo fascista (palmas); ex-deputado Alcides Modesto; deputados estaduais Rosemberg Pinto e Marcelino Galo, em nome deles e da companheira Olívia Santana, saúdo todos os deputados estaduais; deputado federal Zé Neto, em seu nome, saúdo todos os deputados e deputadas federais aqui presentes; Éden Valadares, presidente do PT estadual, em seu nome, saúdo toda a militância que constrói o Partido dos Trabalhadores. (Palmas) Juntos, nos movimentos sociais, enfrentamos e resistimos a essa realidade difícil que passamos no país. Rodrigo Hita, em seu nome, saúdo todos os companheiros dos outros partidos aqui presentes; nossa cônsul de Cuba. (Palmas)

Companheiros e companheiras, 40 anos do Partido dos Trabalhadores, que surgiu no momento de reconstrução democrática deste país, quando o povo ia às ruas e enfrentava a ditadura nos seus últimos momentos. O Partido dos Trabalhadores representou e representa um segmento importante e fundamental da militância política e da representação social do nosso país.

Junto com todos, coube-me a honra de falar em nome de todos os partidos aliados. E quero dar o testemunho de que, sob a liderança do PT no nosso estado, conseguimos derrotar o carlismo neste estado! Conseguimos derrotar um dos setores mais reacionários da política do nosso país. Inicialmente sob a liderança de Jaques Wagner

e hoje sob a direção do nosso governador Rui Costa, construímos e estamos deixando um legado importante para o povo baiano. Legado de aprofundamento da democracia, de políticas sociais que fazem a diferença, como fizeram a diferença no nosso país os governos de Lula e de Dilma.

Companheiros, 40 anos do Partido dos Trabalhadores. Neste momento, vivemos um período difícil no Brasil e no mundo, quando, premidos por essa crise internacional, a extrema direita assume postos importantes. Chegamos ao cúmulo de termos um governo de extrema direita e de caráter fascista no nosso país, direcionando o nosso país, implementando políticas reacionárias e retrógradas, desde a visão sobre as políticas sociais até a entrega do nosso país ao capital internacional.

Está presente e será homenageado hoje José Sérgio Gabrielli, o homem que, desde o governo Lula, ajudou a construir uma Petrobras forte e dinâmica, (palmas) estabelecendo no mundo uma oportunidade e uma alternativa de desenvolvimento do nosso país.

Estão acabando com a nossa Petrobras. Estão entregando as nossas riquezas. E é nesse momento de dificuldades que um partido com a força que o PT tem, com a estrutura e a militância que tem, com a representação política no Congresso Nacional, nas Assembleias Legislativas, tem a importância muito grande de liderar, junto com os outros partidos, uma frente política de resistência. Para, assim, derrotarmos o fascismo no Brasil, para derrotarmos a extrema direita no Brasil e retomarmos o crescimento e o desenvolvimento para o nosso povo. É muito importante essa lição de frente política que o PT construiu na Bahia e construiu no nosso país. Precisamos remontá-la para retomarmos a democracia e o desenvolvimento do país.

Parabéns à militância do PT, que em cada canto deste estado, junto com a militância de outros partidos – como o Partido Socialista, o PCdoB e outras frentes democráticas de outros partidos que não participam do movimento social, mas que ajudam a construir a democracia – está construindo um novo marco na nossa história, no nosso estado.

Portanto, são 40 anos do PT. Desafio a continuarmos com mais 40, e com mais 40! E que o PT, junto com os outros partidos, retome o Brasil para o povo brasileiro.

Parabéns ao PT e parabéns ao seu maior patrimônio, a sua militância! (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Éden, deixa eu só registrar a presença do deputado Valmir Assunção. (Palmas)

Concedo a palavra ao presidente estadual do PT, Éden Valadares.

O Sr. ÉDEN VALADARES: Boa noite. Boa noite meus companheiros, boa noite minhas companheiras. Quero iniciar dizendo que não trouxe o protocolo do Cerimonial como meu colega, companheiro e camarada Davidson. Vou citar a Mesa, presidente Nelson Leal, na medida em que vou fazendo a minha fala. Vou

cumprimentando a Mesa, meu companheiro Ademário, na medida em que a emoção for se revelando.

O PT hoje completa 40 anos e esse companheiro que vos fala tem apenas 38. Mas são 38 anos, Cesinha, de PT. Não conto minha trajetória no PT a partir da minha filiação, conto a partir do meu nascimento e do nascimento da minha geração, porque somos filhos e filhas de cada um e cada uma de vocês que estão aqui.

Neste plenário hoje, meu companheiro senador Jaques Wagner e primeiro presidente do PT na Bahia, eu vejo 40 anos de história, 40 anos de história da luta do povo baiano. Com muito orgulho, Coió, vejo 40 anos da luta do movimento sindical, 40 anos da luta das mulheres, dos negros, dos jovens, da educação, da moradia, da saúde. Não são 40 anos de um partido qualquer, são 40 anos de milhares de vidas dedicadas. E é a vocês que nós devemos os parabéns, aos companheiros e companheiras do PT que transformaram e libertaram a Bahia com os nossos aliados. Meus parabéns a vocês! (Palmas)

Infelizmente, meu companheiro Jerônimo, chegamos a esses 40 anos agora numa quadra muito, muito difícil, uma quadra difícil no Brasil e no mundo. O mundo vive uma onda conservadora, minha companheira Neusa, de retirada de direitos sociais, de retirada de direitos ambientais, de retirada de direitos trabalhistas e de diminuição da democracia. E esse contexto mundial de diminuição do estado de bem-estar, de diminuição da democracia no mundo, chega ao Brasil e encontra uma elite atrasada que não gosta de seu povo, escravocrata, machista, sexista, homofóbica, racista por natureza.

E então, essa crise do capitalismo mundial chega ao Brasil numa dimensão muito maior e derrama todo o seu ódio pelo nacionalismo, todo o seu ódio por uma alternativa independente de país, derrama todo o seu ódio sobre o PT, nas figuras do companheiro Lula e da companheira presidenta Dilma Rousseff. Não é fácil a quadra de resistência que estamos resistindo e enfrentando desde 2016. Eles tentaram aniquilar o PT. Eles tentaram, Luiz Alberto, nos varrer da história, Vilma. Eles tentaram. E Bolsonaro teve a ousadia de dizer que o governo dele seria instrumento para acabar com o PT.

Só que Bolsonaro não conhece o Brasil, Juca. Bolsonaro não conhece o povo brasileiro. E, definitivamente, Bolsonaro não conhece o PT. Zé, se ele conhecesse o PT, ele saberia que a gente não é bagaço, não! Que a gente é semente! E toda vez que tentar enterrar o PT, a gente volta mais vivo, mais renovado e na luta. (Palmas)

O que fazemos na Bahia é uma prova disso, Zé Neto, sob a liderança do hoje senador Jaques Wagner, sob a liderança do governador Rui Costa, a quem eu cumprimento. Nós somos exemplo de resistência e exemplo de capacidade política de superar dogmas antigos do Brasil.

Primeiro dogma: não dá para governar para todo mundo. Nós, Cesinha, governamos para todo mundo da Bahia, há 13 anos. Segundo dogma: não dá para fazer projeto de infraestrutura, não dá para fazer grandes investimentos de infraestrutura junto com a política social. Nós combinamos investimentos que mudaram a realidade econômica da Bahia, ao longo desses 13 anos, sem esquecer do nosso povo, sem esquecer de quem mais precisa.

Nós, hoje, somos o bastião da resistência a essa ultradireita que quer varrer o Nordeste. E nós vamos mais. Nós vamos continuar avançando, vamos continuar transformando a Bahia. E, em nome daqueles que nunca estiveram no orçamento, daqueles que nunca tiveram oportunidade, daqueles que nunca tiveram o reconhecimento da história, vamos continuar avançando e fazendo um grande PT.

Benito, prometi que não ia falar muito hoje. Mas não posso deixar de comentar com tristeza o que a gente tem visto na Bahia, Alcides – meus mais honrosos cumprimentos a você –, nessa rodada de plenárias territoriais que estamos fazendo, Robinson, Emiliano, Jonas! Infelizmente, estamos vendo a fome do nosso povo voltar.

Infelizmente, estamos vendo as pessoas voltarem a pedir esmolas nas feiras. Infelizmente, estamos vendo as famílias de classe média guardarem um prato de comida cotidiano porque eles sabem que alguém vai passar para pedir. Infelizmente, estamos vendo a tentativa de destruição do nosso legado e do que construímos, das nossas conquistas.

Mas vamos resistir, vamos avançar. E, para terminar, nós vamos, sob a inspiração daquele, Ademário, que é a nossa maior liderança, nosso maior exemplo e nosso maior símbolo, que é o maior presidente da história desse país, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas)

Eles tiveram a ousadia, Moema, de tirar uma presidenta legitimamente eleita, sem ter cometido crime algum, e de promover um golpe jurídico parlamentar no país. Eles tiveram a ousadia de acusar o Lula. Eles tiveram a ousadia de perseguir o Lula. Eles tiveram a ousadia de prender o Lula, que passou 580 dias preso injustamente em Curitiba, perdeu uma mulher lá dentro, perdeu um irmão lá dentro, perdeu um neto lá dentro.

O Lula não esmoreceu e não nos abandonou. Nós também nunca abandonamos Lula. E o nosso grito de Lula Livre, no dia a dia, que todos nós fizemos, na rede, nas ruas ou nas roças, seguirá com a mesma indignação. Porque eles precisam reconhecer a fraude contra o presidente Lula. Eles precisam reconhecer que o processo contra o presidente Lula é a maior farsa jurídica e histórica deste país. E nós queremos retomar e devolver os direitos do presidente Lula, meu camarada Marivaldo.

A nossa luta pelo Lula livre, hoje, é a luta pelo Lula inocente porque, em 2022, será a luta por Lula presidente do Brasil, para este país voltar a sorrir. Não tenho dúvida de que todos nós juntos faremos o presidente Lula subir de novo o Palácio do Planalto, com as sandálias da humildade, em 2022. (Palmas) Faremos, Sarinha, renovando o PT, renovando a nossa luta, renovando o nosso compromisso com os movimentos sociais, renovando a nossa capacidade de pensar à frente, de inovar, de fazer a disrupção, meu companheiro Rodrigo Hita, de trazer para a política um jeito novo de fazer, de pensar e de executar.

Nós não desistimos da capacidade do PT de se renovar, de ser a vanguarda da política brasileira, Jones. E nós faremos, não porque essa geração de agora é melhor que a outra, não. Estamos aqui para dizer que temos muito orgulho de todos vocês, fundadores e fundadoras do PT. Nos sentimos muito honrados, Marta, de pegar o bastão para seguir a história do PT. E quero comentar de novo, Alcides, quero comentar, Zé

Sérgio, quero comentar, Jaques Wagner. A fundação do PT é basicamente formada pelo que vocês três representam: pela luta do sindicalismo que Wagner foi o primeiro presidente da CUT e representou na Bahia; pelos intelectuais marxistas que estavam na academia elaborando, como Zé Sérgio é um grande elaborador; e pela luta do nosso povo da igreja, do nosso povo rural, do nosso povo do interior do Brasil, como Alcides é um grande símbolo para nós.

Os companheiros das comunidades eclesiais de base se cumprimentavam como irmãos; o pessoal da academia, o pessoal marxista clássico se cumprimentava como camarada; e os sindicalistas se cumprimentavam como companheiros. E, hoje, no dia em que o PT completa 40 anos, nesse encontro de gerações que é promovido hoje, nós renovamos os nossos compromissos de irmandade, de fraternidade, de camaradagem e de companheirismo.

Viva o Partido dos Trabalhadores! Viva a luta do povo brasileiro, minha gente! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Registro a presença do deputado Jacó, da deputada Neusa Cadore, da vereadora Ana Rita, da vereadora Marta, do Jones Bastos, de Elisângela Araújo.

Tenho aqui uma mensagem encaminhada pela presidente da Unale. (Lê) *“Impossibilitada de comparecer, especificamente, na data de hoje, por estar sendo empossada como nova presidente da União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais (Unale), para o biênio 2019/2020, em Brasília, anoto votos de congratulações à sessão especial em comemoração aos 40 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Saúdo ainda toda a Bancada do PT na ALBA, através do líder Marcelino Galo, pela realização do evento, muito importante como registro afirmativo de toda trajetória do partido, em especial por sua luta em favor da redemocratização do país, e de largas melhorias para a vida de trabalhadores e trabalhadoras no campo e na cidade.*

Com justiça o evento prestigiará através da entrega da Comenda 2 de Julho, aprovada por todos nós, o primeiro deputado petista no Legislativo, Alcides Modesto, e o economista, professor da Ufba. e ex-presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, ficando aqui expressas, também, nossas saudações a estes ilustres baianos.

Deputada Estadual Ivana Bastos”

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Concedo a palavra ao deputado Marcelino Galo Lula, autor da proposição que concede a Comenda Dois de Julho ao ex-deputado Manoel Alcides Modesto Coelho. (Palmas)

(O Sr. Alcides Modesto faz um cumprimento gestual ao plenário.)

(Palmas. Muitas palmas.)

O Sr. MARCELINO GALO LULA: Não precisaria nem falar, não é, companheiros? Com esse gesto aí!

Mas eu queria cumprimentar toda a militância, especialmente a militância do Partido dos Trabalhadores nas suas mais diversas gerações que estão aqui. Aqueles que vieram desde o início dos 40 anos, aqueles que vieram se incorporando e que, hoje, estão aqui para celebrar 40 anos do maior partido de esquerda da América Latina, um dos maiores partidos do mundo. Por isso que nós cumprimos vocês e agradecemos a vocês. Essa é uma iniciativa da Bancada do Partido dos Trabalhadores nesta Casa. Talvez, nos últimos tempos, a ação mais unificada buscando aquela referência do modo petista de legislar lá atrás.

Esses companheiros – são dez companheiros nesta Casa, nesta bancada – que lutam intensamente em defesa do povo brasileiro, em defesa do povo da Bahia, em defesa do nosso governo. Então, aqueles oportunistas eleitorais, por conta do momento... Ninguém vai acabar com o Partido dos Trabalhadores através de redes sociais. Quem quiser crescer que vá militar, vá para a periferia, vá para as portas de fábricas, (palmas) vá mobilizar, organizar a classe trabalhadora, porque foi assim que se construiu o Partido dos Trabalhadores e das trabalhadoras. Mas a mim coube falar sobre a vida deste homenageado, companheiro Alcides Modesto, este de quem aprendemos muito. Eles são os precursores dessa grande luta, ali batalhando, organizando a classe trabalhadora no campo.

Por isso, eu preciso ler sobre a vida deste grande guerreiro do povo brasileiro, que é mais do que ser somente um militante deste partido. E aqui juntos, combinado com o deputado Rosemberg Pinto, nós, de forma proposital... Dois grandes companheiros: Alcides Modesto e Sérgio Gabrielli, esse que paga um preço extremamente caro por nos representar, pela sua inteligência, pelo que fez na universidade pública e pelo que fez na Petrobras. Então, viva Alcides Modesto! Viva Sérgio Gabrielli!

(Lê) “Hoje comemoramos 40 anos do Partido dos Trabalhadores (...), mas de propósito escolhemos essa data, 10 de fevereiro, para conceder justamente a Comenda Dois de Julho...”, a maior homenagem que esta Casa presta, a esses dois grandes companheiros.

Por isso, também queria saudar o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, agradecê-lo pela participação neste ato. Quero saudar o militante do Partido dos Trabalhadores, ora governador deste estado, o governador mais bem avaliado do Brasil, Rui Costa. Quero agradecer ao coautor proponente, nosso companheiro líder do Governo – esse companheiro que tem trabalhado muito nesta Casa, principalmente neste mês de janeiro, esse verão sem praia –, Rosemberg Pinto; saudar o militante do Partido dos Trabalhadores, o senador Jaques Wagner, que fundou a república democrática da Bahia. A Bahia inaugurou uma nova cultura política. Esta é a marca de Jaques Wagner como governador; saudar o militante do Partido dos Trabalhadores, o deputado federal Zé Neto, saudando assim todos os nossos companheiros deputados federais: Solla, Valmir Assunção, Nelson Pelegrino. Quem mais? Todos vocês. Waldenor. Cadê Waldenor?

Quero saudar nosso militante, o presidente Éden Valadares, jovem presidente; saudar o jovem presidente também do PT municipal, Ademário Costa; a militante do

Partido Comunista cubano, a conselheira Milena Caridad; a militante do Partido dos Trabalhadores, essa mulher determinada, corajosa, a única mulher da Mesa, minha querida Moema Gramacho; a conselheira é militante do Partido Comunista cubano, são “hermanas”; Rodrigo Hita, aqui representando o PSB; nosso companheiro aliado de todas as lutas, presidente do Partido Comunista do Brasil; saudar o homenageado, o companheiro Alcides Modesto, duas vezes deputado estadual, primeiro constituinte aqui na Bahia, duas vezes deputado federal e muito mais; saudar também o grande homenageado José Sérgio Gabrielli.

Então, o nosso homenageado, esse ilustre companheiro, ele (lê) “(...) foi também o primeiro deputado do PT a exercer os mandatos estadual e federal.

Estamos nos referindo a Alcides Modesto. Nascido em Remanso, no dia 9 de agosto de 1939, filho do Sr. Antônio Coelho Maia e de D. Maria Joana Modesto Coelho.

Mudando-se para Senhor do Bonfim, onde cursou o denominado secundário, e depois ele...”, como se diz no interior e aqui também, “(...) estudou para padre, como se falava, fazendo o curso de Teologia, onde ingressou em 1965 e ordenou-se. A partir daí, começou a ser conhecido como Padre Alcides. (Palmas) Militante do Movimento da Juventude Universitária Católica, que combatia a ditadura militar, conseguindo, em 1974, concluir o curso de Filosofia, na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife.

Além da política partidária, ele foi vigário em Senhor do Bonfim, Jaguarari e Paulo Afonso. Também lecionou Filosofia e Sociologia no Centro Integrado de Educação de Paulo Afonso, donde se vê que nem a ditadura proibiu o ensino de Filosofia. Membro da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Paulo Afonso, articulador e construtor do Polo Sindical do Submédio São Francisco, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Barragem de Itaparica – um dos fundadores do MAB –, que abrangia Bahia e Pernambuco.

Depois da entrada no Partido dos Trabalhadores, foi professor, secretário municipal da Educação de Paulo Afonso e superintendente da Codevasf no primeiro período do governo Lula.

Alcides era um agricultor familiar e agente pastoral da Igreja Católica vinculada à Teologia da Libertação. Filiou-se ao recém-nascido Partido dos Trabalhadores, assumindo a presidência do PT em Paulo Afonso, sempre com bases na agricultura familiar e na Igreja Católica, onde em 1986 saiu candidato a deputado estadual, tendo como companheiro de chapa o agricultor familiar Doca, candidato a deputado federal também pelo PT”. Doca deveria estar aqui também. Cadê Jonas Paulo? Deveria ter convidado Doca. Elegeu-se deputado constituinte da Bahia. Antes Alcides também foi candidato a prefeito de Paulo Afonso.

Tomando posse em fevereiro de 1987. Portanto, há 33 anos atrás! No mesmo período e embalado pela vontade de mudanças na política, é eleito Waldir Pires como governador da Bahia! É muita história, Alcides!

Aumentando os trabalhos, intensificando (...), elegeu-se também deputado federal junto com Jaques Wagner. Então, esses dois, primeiros deputados federais do partido.

Se reelegeu, (...) tomou posse em fevereiro de 1995 e foi presidente da Comissão de Agricultura e Política Rural da Câmara federal...”, sob o combate ferrenho da bancada ruralista, que se negou a dar posse a Alcides Modesto, presidente da comissão.

Então, este é o homenageado por esta Casa, esse grande que nos ensinou e é um guerreiro do povo brasileiro.

Viva o comendador Alcides Modesto! (Palmas)

Viva o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras! (Palmas)

(Não foi revisto pelos oradores.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Neste momento, convido o deputado Marcelino Galo e a esposa do nosso homenageado, D. Conceição, para, em nome do Poder Legislativo, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho e de um quadro grafitado pelos artistas Questão, BK e Oliver ao ex-deputado Manoel Alcides Modesto Coelho.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o ex-deputado Manoel Alcides Modesto.

O Sr. MANOEL ALCIDES MODESTO: Saúdo o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Nelson Leal, que nessa presidência tem conduzido com muita coerência e com muita sabedoria os destinos desta Casa responsável pelos destinos da nossa sociedade; Sr. Governador do Estado da Bahia, Rui Costa, saúdo e aproveito para lhe agradecer a estrada do Itaú, na Serra dos Dois Irmãos (palmas); Sr. Proponente da sessão e autor da proposição, líder do Governo, deputado Rosemberg Lula Pinto; Sr. Proponente da sessão e autor da proposição e líder do PT, deputado Marcelino Galo, nosso grande companheiro, que eu muito respeito e prezo (palmas); Sr. Senador da República, Jaques Wagner (palmas), companheiro. Daqui, nós partimos, da Bahia, e juntos, em Brasília, fizemos nossa história; Sr. Deputado Federal Zé Neto, vice-líder do PT na Câmara dos Deputados; Sr. Presidente do PT na Bahia, Éden Valadares; Sr. Presidente do PT municipal, Ademário Costa. Todos os companheiros já citados, o meu grande abraço desta tribuna, onde um dia tive a honra de representar o nosso partido neste estado. (Palmas)

Sr.^a Cônsul-Geral de Cuba, Milena Caridad (palmas), meu grande abraço a este país que teve a coragem de fazer a maior experiência da América Latina, acreditando na reforma agrária (palmas); Sr.^a Prefeita do Município de Lauro de Freitas, Moema Gramacho (palmas), companheira, representando todos os prefeitos e prefeitas do PT; Sr. Representante do PSB, Rodrigo Hita, meu grande abraço a esse partido. Sempre lutamos juntos pelos ideais socialistas, para que esta Bahia deixe de ser tão injusta com seu povo. Sr. Representante do PCdoB, Davidson Magalhães. Aquele abraço, Davidson. Em você, quero trazer a essa tribuna a memória de dois companheiros e prestar a minha homenagem onde eles estiverem, Luiz Nova e Vandilson Costa. Nós que, pela primeira vez, nesta Assembleia Legislativa da Bahia, construímos a unidade dos dois partidos socialistas, PT e PCdoB. (Palmas)

Sr. Economista e homenageado, José Sérgio Gabrielli de Azevedo, essa cabeça pensante que muito nos orgulha de tê-lo como orientador do pouco conhecimento que eu tenho de economia. E que esteve ao nosso lado, nos assessorando em todos os nossos projetos. Construímos uma amizade fraternal, que um dia nos fez chegar aos rincões do sertão nordestino da Bahia, em Campo Alegre de Lourdes, onde ele desce do ônibus, e eu vou recebê-lo com a sacolinha na mão. Foi esse Sérgio Gabrielli que eu aprendi a querer bem, a ser o companheiro de guerra ao meu lado, 24 horas de cada dia e os dias todos que caminhamos juntos, desde o tempo em que ele começou a me conhecer e eu a conhecê-lo. Não aqui nesta tribuna, mas nas estradas desse sertão injustiçado, espoliado, que é a reprodução clara daquele triste quadro que está ainda precisando de resposta, que é o grande crime que esta nação já testemunhou: Canudos! Canudos não morreu! Canudos está vivo! Vamos colocar a chama viva de Canudos para incendiar também a militância socialista, a militância petista. E dizer: este país não pode deixar Canudos sem resposta. (Palmas)

Os canhões de Canudos vieram daquele mesmo Sul, de onde se fabricam as armas para matar os nordestinos. É preciso dar uma resposta à história. A história está viva nesse sertanejo que um dia também saiu de casa aos 12 anos para estudar fora e nunca mais voltou para sua terra natal para morar.

Aos 12 anos, parti de Remanso, saí sozinho no vapor, para começar a estudar. Está aqui esse nordestino que aprendeu na história, mergulhado principalmente nesse Canudos que não morreu! Canudos está vivo! Eu estou aqui! Porque desta tribuna muitas vezes fiz Canudos voltar a ser viva dentro deste Plenário. (Palmas) É preciso que esse incêndio que veio de Canudos seja a resposta viva dos militantes que querem uma sociedade mais justa. Está na hora de decidirmos que Canudos não morreu, não apenas com retórica, mas com a luta concreta para fazer mudar as estruturas que eu espero que não continuem a esmagar, a espoliar o nordestino passando fome.

É por isso que nós estamos aqui ainda com esse vigor, como naquele momento, Wagner, que nós partimos para Brasília, mas deixamos aqui uma constituinte estadual. E eu quero, neste momento, prestar uma homenagem ao governador de então, Waldir Pires, um democrata convicto. Eu fazia oposição a ele, eu denunciava as coisas existentes em seu governo, mas nunca deixei de ser leal. E ele um dia vem para o PT. Foi a maior alegria que eu tive na vida foi a de dizer: Waldir agora é do PT. (Palmas) Isso tem muito sentido em um momento desse. No lugar em que ele estiver, Deus o tenha em um bom lugar, é o que eu quero. Ele deve estar achando graça: “Esse Alcides não tem jeito”. (Risos) Porque era assim que eu acompanhava, ia falar cara a cara com Waldir, quando governador do estado.

É nesse sentido que eu aqui trago para vocês essa memória de Canudos, porque esse sertanejo tem Canudos vivo dentro de si. Canudos não morreu enquanto houver um revolucionário querendo uma sociedade mais justa. (Palmas) Está na hora de nós, petistas, levantarmos a cabeça e dizer a esses que estão no poder que nós não temos medo deles. Está na hora do petista ir para as ruas e dizer claramente que é contra essa sociedade que eles estão pretendendo fazer. (Palmas)

Está na hora de irmos às praças para denunciar tudo o que está escondido por debaixo do pano verde e amarelo daqueles que estão lá em Brasília.

É preciso, Fátima, trazer o espírito de Cícero Dantas para cá, como você trazia fazia na minha época, enchendo este plenário e indo atrás de Coriolano Sales, para eles pudessem dormir ali no salão.

Essa é a história, Fátima, que nos diz que Canudos não morreu. Cada vez que acolhíamos aquelas pessoas, o meu assessor dizia: “Lá vêm as cigarrinhas de Fátima, cantando ali”. Já sabia, era o auê que vinha lá de Cícero Dantas.

Meus amigos, eu não quero falar assim essa verdade, mas o que me alenta, o que me dá força, o que ne dá vigor, o que me dá tudo isso é a fé da minha mãe. Quando eu nasci de 7 meses, com 1,1 kg, ninguém acreditava que eu ia sobreviver; ela era a única que dizia: “Meu filho não vai morrer”.

Sobreviver naquele sertão brabo de Remanso, naquela época, tendo nascido com 7 meses, 1,1 kg e impaludismo?! Minha gente, não era para acreditar que sobreviveria, principalmente porque minha mãe não tinha leite. Quem me alimentou foi a minha mãe Rita. E nestes mesmos microfones, na consciência negra, eu sempre prestava homenagem a minha mãe Rita, aquela negra do Quilombo de Remanso. Minha mãe não tinha leite, mas ela tinha dois peitos e chegou para a minha mãe e disse: “D. Sinhá, não chore, não, porque um peito é do meu filho e o outro é do seu filho. E ainda vai sobrar leite”. (Palmas)

Eu tenho esse sangue misturado de sergipano, pois os Modestos, saindo daquelas bandas, se juntaram com o sangue dos Coelhos, que saíram de Pernambuco, foram para o Piauí e chegaram através do meu pai, que um dia se enamorou da minha mãe, porque estava com um vestido cor de rosa.

Vim com uma camisa cor de rosa para dizer: o leite da minha mãe Rita era o leite branco. Ela era negra e o leite branco. Ela partiu com o filho dela, Cesário, meu irmão de leite. Não sei onde ele está; às vezes, eu o encontrava por este Brasil afora.

Já pensaram, uma negra me deu leite, e eu passo a ter uma mãe de sangue e uma mãe de leite. É um privilégio que vocês não têm. Tenho o privilégio de dizer: não é a luta das raças. É a luta dos cidadãos livres dizendo sempre a mensagem de que acreditamos numa sociedade justa, na qual não haja mais diferença entre negro e branco, entre pobre e rico, enfim, teremos a sociedade socialista que vamos construir. Vamos em frente e a luta está de pé.

Canudos não morreu! Canudos está vivo! (Palmas. Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Concedo a palavra ao deputado Rosemberg Lula Pinto, autor do projeto de resolução que concedeu a Comenda Dois de Julho ao economista José Sérgio Gabrielli. (Palmas)

O Sr. ROSEMBERG LULA PINTO: Sr. Presidente, meus queridos militantes do Partido dos Trabalhadores, ao saudar Nelson Leal, quero dizer que este é um

momento singular para a gente fazer este evento nesta Casa, comemorando os 40 anos do nosso partido.

Quero saudar o governador Rui Costa e agradecer a confiança de me escolher como Líder do Governo nesta gestão do Partido dos Trabalhadores. Também saúdo o meu querido amigo Marcelino Galo e lhe digo, Marcelino, que é muito importante trazer Alcides Modesto para que a gente possa fazer esta homenagem. E aí, querido amigo Alcides, devo dizer que fiz uma proposição – e quero que o governador Rui Costa depois analise – para trazer de volta a pedra de Bendegó, que está lá no Rio de Janeiro, para deixar Canudos com essa simbologia importante para todos nós. (Palmas)

Queria ainda saudar o meu querido amigo senador Jaques Wagner; o meu querido amigo deputado Zé Neto, Vice-Líder do PT; o meu querido amigo Éden Valadares, presidente do PT; Ademário Costa; a nossa querida cónsul de Cuba, Milena Caridad; e a querida amiga prefeita de Lauro de Freitas. Moramos na mesma cidade, eu tenho convicção de que V. Ex.^a vai ficar mais um período naquela prefeitura, porque o povo me diz todos os dias que te quer de novo prefeita daquela cidade – e eu mais ainda, porque sou morador de lá; meu querido amigo Rodrigo Hita, que representa o PSB; Davidson Magalhães, que representa aqui o PCdoB; Alcides Modesto, meu querido amigo e homenageado; e meu querido José Sérgio Gabrielli, que escolhi para receber essa honraria.

Neste momento, Zé Sérgio, quero lembrar de duas pessoas, na minha opinião, extremamente importantes, que nos fazem falta hoje. Estou falando do meu querido amigo Paulo Jackson e do grande companheiro Zezéu Ribeiro, que não estão mais entre nós. (Palmas)

Temos aqui, hoje, a presença de filiados há 40, 30, 20 anos, de pessoas que se filiaram na semana passada e de pessoas que querem se filiar ao PT. Parabéns a todos por acreditarem que é possível lutar por justiça social, pela democracia e por toda a classe trabalhadora deste país. Neste sentido, quero fazer uma saudação ao meu querido amigo e presidente do PT de São Francisco do Conde, que é o meu domicílio eleitoral, Eliezer, que está aqui presente. (Palmas)

É com esse espírito que estamos comemorando hoje os 40 anos de existência do Partido dos Trabalhadores. Tudo começou lá pelo final dos anos 70, quando o Brasil vivia o início da transição democrática, com o fim da ditadura militar e a anistia para os presos políticos. Emiliano José e José Sérgio Gabrielli sabem muito bem do que falo.

Era ainda uma ditadura, mas os movimentos cresciam. Havia a Ala Jovem do MDB, partido que se extingue em 1979. Zé Sérgio, que você foi parte desse movimento, sabe que alguns dos seus componentes migraram para o PMDB, outros para o PDT e outros para o PT. A partir daí, surge nessa caminhada de construção do Partido dos Trabalhadores o nosso homenageado, José Sérgio Gabrielli.

Naquele momento, nós tínhamos uma necessidade muito grande de afirmação do Partido dos Trabalhadores. Lembro-me, Zé, de quando fui disputar a eleição em Itororó contra o meu pai... Era muito mais a disputa pela afirmação do PT no nosso estado. E você ajudou a fazer essa construção.

Aqui lembro, governador Rui Costa, das nossas caminhadas no Polo Petroquímico de Camaçari. Ainda hoje vi uma foto nossa em que estávamos eu, o senhor, o senador Jaques Wagner e Izanor Pereira, que já não está entre nós, que era um militante do PCdoB no final da década de 70. Nós ajudamos a construir essa história, mas todos nós sob a orientação desse querido amigo Zé Sérgio Gabrielli.

Tenho imenso orgulho de ser do PT, Zé! Toda a minha trajetória política eu devo ao PT. Mas vou deixar os companheiros Jaques Wagner e Rui Costa falarem um pouco mais de como o nosso partido – porque eu quero falar algumas palavras sobre o homenageado – teve a capacidade de mostrar ao mundo, pela primeira vez, que é uma organização que nasceu com raiz, para seguir adiante com força e, quatro décadas depois, ainda motivar a esperança.

E também devemos essa força à luta do companheiro Zé Sérgio Gabrielli, que recebe hoje a Comenda Dois de Julho, a maior honraria concedida por esta Casa a quem tem importante serviço prestado à Bahia e ao povo baiano.

Quero aqui agradecer a todos os deputados desta Casa, que, por unanimidade, aprovaram essas comendas ao ex-deputado Alcides Modesto e ao meu querido amigo Zé Sérgio Gabrielli.

Gabrielli nasceu em Salvador, no dia 3 de outubro de 1949. Militou no movimento estudantil, presidiu o Diretório Central dos Estudantes da Bahia, na década de 60. Eu fui longe, viu, Zé?

Integrante da Ação Popular, organização clandestina de combate à ditadura militar... Junto com Emiliano, ele viveu momentos difíceis naquele quartel. Hoje, a gente vai lá buscar cultura, mas naquele momento serviu de prisão para personalidades como o nosso querido José Sérgio Gabrielli.

Graduou-se em Economia pela Universidade Federal da Bahia, em 1971. Em 1975, também pela Ufba, concluiu o mestrado. Em 1979, obteve o título de mestre em Economia Política pela Universidade de Boston, nos Estados Unidos. Em 1987, obteve o doutorado em Economia, também pela Universidade de Boston.

Mas Gabrielli foi para além de economista; Gabrielli foi e é um formador de consciência. Está aqui o governador Rui Costa, ex-aluno de José Sérgio Gabrielli na Escola de Economia na Universidade Federal da Bahia. (Palmas.)

Em 1982, ainda sob a Lei Falcão, da ditadura, que limitava bastante a propaganda eleitoral, ele se candidatou a deputado federal. Naquela época, o PT, em seu processo de afirmação, gritava: “Vote no 3, o resto é burguês”. O número do PT era 3 e esse era o nosso *slogan*.

Naquela época tivemos também a candidatura do meu querido amigo Edival Passos – que não está aqui hoje – como o nosso primeiro candidato a governador do estado da Bahia. José Novaes foi candidato a vice e Sérgio Guimarães, ao Senado.

Zé Sérgio participou da fundação de diversos movimentos sociais na Bahia e no Brasil. Ele é hoje reconhecido como uma das maiores personalidades do mundo no que diz respeito ao conhecimento da área de petróleo – foi dirigente da Petrobras. Mas Gabrielli tem outra qualidade: sempre foi capaz de nos seus finais de semana ir a

idades de 15, 20 mil habitantes para se reunir numa Câmara de Vereadores e debater com todos nós a política da democratização deste país. Com isso, ajudou muito para que pudéssemos estar governando a Bahia há tantos anos.

Zé, eu me lembro de um fato que aconteceu na sua caminhada como candidato a governador. Você nasceu em Salvador, mas seu pai e toda a sua família –que está aqui presente; quero saudá-la – foram morar em Coaraci.

José Sérgio sai de Coaraci e não volta mais. Pois bem, durante a campanha, em 1990 – lembra disso, Coió? –, depois de passarmos em vários locais, chegamos lá e não tinha mais ninguém. Só encontramos uma turma num barzinho, aqueles militantes das antigas. Quando entramos nesse barzinho, todo mundo disse: “Zé Sérgio tem que fazer o discurso, é nosso governador”. Aí ele disse: “Eu queria dizer que estou muito alegre porque estou na minha terra, já que considero aqui a minha terra. Saí daqui e estou voltando depois de 11 anos...” Aí um bêbado, que estava no canto, se levantou e disse: “Filho ingrato”. (Risos)

E ele, com toda a sua irreverência, continuou aquela caminhada. E me lembro de que naquela mesma semana nós passamos por Itororó e terminamos em Maiquinique. E à noite ainda tínhamos de ir a Itapetinga. Chegamos lá e o cara queria que ele subisse no caminhão para fazer um discurso. Não tinha ninguém embaixo, mas o que faríamos com aquele caminhão, que já estava alugado, se ele não subisse para fazer o discurso? (Risos)

Ajudamos a construir o PT. Zé Sérgio Gabrielli é essa figura majestosa, com a sua capacidade de dialogar com os diversos segmentos, de ser uma figura singular no cenário nacional, no cenário internacional, de representar o Brasil em grandes atividades. Mas ele também é capaz de dialogar com qualquer pessoa, em qualquer canto do nosso estado, para defender o Partido dos Trabalhadores e a sua visão. Rodamos pela Bahia naquela caminhada, e Zé Sérgio ajudou a construir, como candidato a governador, essa visão.

Ele também está presente nas noites da cidade de Salvador. Tetê, quando Zé Sérgio vai – com Coió e Zitomir – à Borracharia, lá no Rio Vermelho, ao entrar, aparece uma mocinha de 20 anos e pergunta: “O senhor é Zé Sérgio Gabrielli?” Responde: “Sou”. A mocinha: “Há 20 anos minha mãe dizia que frequentava aqui e já conhecia o senhor”. Zé mantém a sua fidelidade aos locais que vai. Também sempre vai ao Bar de França para, vez por outra, a gente se encontrar.

Zé, eu fiz questão de dizer isso, porque nós já fizemos um discurso muito grande da política. Todos nós, militantes, sabemos da importância do Partido dos Trabalhadores. Como Alcides disse aqui, temos a necessidade de estar nas ruas para reacender a militância e disputar esse projeto nacional. Não podemos admitir a continuidade desse projeto que está aí – projeto que persegue Zé Sérgio Gabrielli, como perseguiu recentemente cortando a sua aposentadoria –, precisamos construir massa crítica nas ruas para fazer essa disputa.

Mas precisamos, também, falar das coisas alegres, das coisas nossas. E você também é uma dessas pessoas. Por isso, Zé, eu trago essas histórias.

Durante o período em que estou nesta Casa, apresentei apenas duas comendas. Entendo que a maior honraria daqui tem de ser para pessoas importantes. Você não sabe o quanto foi importante para a Bahia e para o Brasil. E a sua família deve se orgulhar da sua trajetória como uma pessoa que constrói, todos os dias, a luta pela democracia.

E tenho, Zé, uma imensa gratidão a você. (Palmas) Uma imensa gratidão. Eu e minha família sabemos o quanto nós sofremos. Estão aqui Renata, Flávia e vários companheiros daquela época, como Armando Trípodí. Trabalhamos na Petrobras. Repito, a sua família, Zé, tem de se orgulhar por você ter posto a Petrobras para ser a maior empresa de petróleo que nós conhecemos. Esses caras tentam te destruir todos os dias, buscando vincular a sua imagem a algo ruim na Petrobras, mas não conseguem.

Às vezes, você é questionado não por nenhum mal que tenha feito à Petrobras, mas pelo bem que fez. Porque agora a gente está vendo o que eles queriam: destruir a Petrobras para entregar todo o patrimônio brasileiro. Foi por isso que eles disputaram esse projeto contra a gente.

Para encerrar, tenho de dizer que tenho uma gratidão imensa a você. Em 2008 – o senador Jaques Wagner sabe disso também, já que era o governador naquele momento –, eu apanhei muito, muito por causa de um projeto patrocinado pela Petrobras para a revitalização do São João da Bahia. E hoje eu tenho orgulho de dizer que o São João da Bahia voltou a ser grande. E isso é fruto das ações que fizemos durante a sua batuta à frente da Petrobras.

Apanhei muito, apanhei bastante, porque diziam que eu queria apenas usar para o Partido dos Trabalhadores. E você foi uma das pessoas, como presidente da Petrobras, que fez publicamente a minha defesa. E agora eu tenho um orgulho imenso de estar concedendo essa comenda a você: pelo homem, pelo ser humano, pelo gestor e por sua luta, todo dia, pela democracia.

Parabéns, Zé Sérgio! Parabéns, militantes pelos 40 anos do Partido dos Trabalhadores. Temos de nos orgulhar de Zé Sérgio Gabrielli. (Palmas. Muitas palmas.)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero convidar o deputado Rosemberg Pinto; a esposa do homenageado, Maria Teresa; e a neta Ana para, em nome do Poder Legislativo, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho e, também, de um quadro grafitado pelos artistas Questão, BK e Oliver ao economista José Sérgio Gabrielli.

(Procede-se à entrega das homenagens.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero registrar, também, a presença do deputado Júnior Muniz.

Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o economista José Sérgio Gabrielli de Azevedo. (Palmas)

O Sr. JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI: Boa noite.

Participantes da sessão: Boa noite.

O Sr. JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI: Quero, em primeiro lugar, cerimonialmente, saudar o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Nelson Leal; o Ex.^{mo} Sr. Governador do Estado da Bahia, Rui Costa; o meu companheiro, autor da proposição e Líder do Governo, Rosemberg Pinto; o companheiro Líder do PT Marcelino Galo; o senador da República Jaques Wagner; o deputado federal Zé Neto; o presidente do PT na Bahia, Éden Valadares; o presidente do PT municipal, Ademário Costa; a Sr.^a Cônsul-Geral de Cuba, Milena Caridad; minha querida prefeita do município de Lauro de Freitas, Moema Gramacho; Rodrigo Hita, representando o PSB; Davidson Magalhães, representando o Partido Comunista do Brasil; o meu querido amigo, símbolo importante desta luta, deputado Manoel Alcides Modesto Coelho; meus filhos, minha irmã, meu irmão, companheiros e companheiras, eu resolvi escrever este discurso. Esta é uma cerimônia muito importante. Por isso, eu resolvi não fazer um discurso de cabeça. Portanto, eu vou ler o meu discurso.

(Lê) “É muita responsabilidade estar entrando neste time de comendadores da Comenda Dois de Julho, juntamente com o grande líder e exemplo histórico de retidão e dedicação que é Alcides Modesto.

Durante estes 10 anos de honraria, já receberam esta comenda políticos como Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Santana, Zezéu Ribeiro, Lídice da Mata; ex-governadores como Otto Alencar e Roberto Santos; lideranças políticas emergentes, novas, como Vilma Reis, Juca Ferreira e Major Denice Santiago; líderes religiosos como Mãe Stella de Oxóssi; artistas como Manno Góes, Mateus Aleluia, Mestre King, Dulce Aquino, Lia Robatto e Lina Bo Bardi, professores como Maurício Barreto, Albino Rubim, Luís Henrique Dias Tavares e Cid Teixeira, dentre outros e outras personalidades reconhecidos pelos seus serviços à Bahia. Não é fácil ser parte deste time de gigantes. (Palmas)

É como muita honra que recebo esta comenda. Mas, ainda honrado com esta comenda, eu quero dedicar a mesma aos milhares de militantes do meu Partido dos Trabalhadores (palmas), pois, sem eles, eu não seria o que sou. (Palmas)

Viva a militância do Partido dos Trabalhadores!” (Palmas)

Participantes da sessão: Viva!

O Sr. JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI: Peço desculpas, porque, talvez, seja este discurso um pouco mais longo do que deveria. Mas vou tentar fazer uma comparação do que era a situação quando o PT foi fundado, há 40 anos, e os desafios que nós temos hoje.

(Lê) “Como eram os anos das décadas de 1970 e 1980.

Vivíamos em outro mundo. Nos anos de 1970, sob a ditadura militar, a industrialização era crescente, com grandes projetos governamentais de infraestrutura, e acelerado crescimento da produção de automóveis, geladeiras, fogões, televisões, ares-condicionados, e semelhantes. A classe operária crescia e aumentava a concentração de trabalhadores nos locais de trabalho, especialmente nas indústrias metalúrgicas, construção pesada, usinas e obras de infraestrutura.

Vivíamos a crise do petróleo. Importávamos em grande quantidade. Os preços se elevaram enormemente em 1973, criando várias pressões sobre a balança de

pagamentos e a economia brasileira. A dívida externa crescia para financiar as obras públicas, porque havia muito dinheiro abundante, e várias obras foram feitas com financiamento externo. A fome e a desigualdade aumentavam. O Brasil tinha um modelo de crescimento com concentração de renda.

Os anos da década de 1980 começam com uma profunda crise desse modelo. A dívida externa era o grande problema naquele momento. O pagamento da dívida externa era o principal entrave para o crescimento brasileiro. As importações de petróleo representavam 50% das exportações brasileiras. Naquela época, 40 anos atrás, os investimentos, para mudar a estrutura da sociedade brasileira e resolver os problemas da desigualdade, não foram realizados. A classe dominante brasileira optou por outro tipo de intervenção. A classe dominante brasileira preferiu tratar de um problema real que era a inflação, e esqueceu as mudanças estruturais necessárias para criar as condições para o desenvolvimento sustentável do nosso país.

Evidentemente, os problemas inflacionários eram graves, atingindo mais de 100% ao ano durante a década de 1980. As lutas dos trabalhadores eram, no entanto, duras. Daí, surgiu a CUT, daí surgiram os sindicatos importantes. Então, as lutas dos trabalhadores eram atrás de aumento de salário, atrás de repor a inflação. As lutas eram para recompor o que o salário tinha sido destruído pela inflação, não era para aumentar a parcela dos trabalhadores na vida da economia brasileira. Era uma luta de correr para evitar a piora das condições de vida, porque a inflação corroía os salários.

A CUT e os sindicatos combativos se formaram nessas lutas. Mesmo assim, setores importantes das lideranças introduziam elementos de construção de uma nova sociedade nas lutas dos trabalhadores. O que realmente mobilizava era o percentual de aumento desejado nos ajustes das categorias, a maioria das vezes, próximo da inflação. Isso ocorria nos mais avançados meios da classe trabalhadora como os metalúrgicos de São Bernardo, os petroquímicos baianos, os professores, os operários da construção civil, os servidores públicos e a maioria das categorias profissionais da Bahia.

Naquela época, também, já havia sinais do conflito distributivo entre os detentores dos lucros de juros e de lucros. (...)” O setor produtivo tinha prejuízos. Os bancos ganhavam. (Lê) “Tudo isso acontecia na década de 1980 do século passado. Nos anos da década de 1980, começa a onda das privatizações que se aceleram nos anos da década de 1990.

A ideia vem lá do século XVIII, quando se dizia e se desenvolveu o mito de que o estado é ineficiente e o mercado é eficiente. Isso era parte de um movimento conservador mundial, liderado pela Margaret Thatcher, na Inglaterra, e pelo Reagan, nos Estados Unidos.

A transição democrática brasileira ocorria sob a presença e a influência crescentes desse ideário neoliberal conservador e destruidor do estado.

(...)

As eleições ocorrem com sucessivas derrotas para a ditadura militar.”

O PMDB, à época, não tinha a letra “p”, era só MDB, e abrigava, dentro dele, como Rosemberg mencionou, setores progressistas, a ala jovem do MDB. Dentro do MDB, surge uma candidatura importante, em 1978, de Adelmo de Oliveira. Adelmo

de Oliveira é eleito dentro do MDB. Adelmo assume uma candidatura tentando ser o porta-voz das ruas, tentando ser o porta-voz dos movimentos sociais, mesmo dentro do MDB.

Dentro do MDB, existiam aqueles que defendiam que o PT não deveria surgir, que o PT deveria se aninhar dentro do MDB, que o PT deveria se aliar dentro do MDB e, portanto, deveria se construir uma grande frente sob a liderança do MDB, e não deveria tentar botar a cara própria do PT para disputar as eleições.

Muitos queriam que todos os opositores à ditadura ficassem dentro desse partido-ônibus. Os movimentos sociais, os movimentos sindicais, a igreja progressista, a esquerda, vinda de vários segmentos organizados na luta contra a ditadura clandestina, não concordam com essa ideia e acham que o PT deveria botar a cara e ser a representação, e a voz, e a representação direta das ruas naquele momento de transição democrática.

Nessa transição, nós construímos este partido.

Como aqui lembrou Rosemberg, o nosso slogan, na eleição de 1982 foi *'Vote no 3: o resto é burguês.'* Nós não estávamos preocupados em ampliação dos nossos apoios. Nós estávamos preocupados em representar as vozes dos que estavam fora da vida política. Nós queríamos representar a voz militante que vinha do movimento sindical, que vinha do movimento das agriculturas familiares, que vinha do Sertão, que vinha dos movimentos sociais.

O principal objetivo nosso era lutar institucionalmente e disputar eleições. Sim, nós ganhamos várias eleições. Mas, ao ganhar as eleições, e nós ganhamos, eu me lembro de uma frase do Dr. Oswaldo, de Jaguaquara, que dizia que o PT tinha duas alegrias, quais sejam, a primeira alegria era eleger o prefeito; a segunda alegria era expulsar o prefeito do PT. (Risos)

Por que isso?

Porque havia uma contradição na origem do PT muito importante. Nós estávamos fazendo um experimento de gerir o capitalismo. Mas nós não abríamos mão, naquele momento, da ideia de ser uma representação que vinha de fora do sistema, a representação dos oprimidos, a representação das ruas, a representação dos movimentos sociais. E, naquele momento, a contradição cresce e se aprofunda, porque nós passamos a ser prefeitos, prefeitas, governadores, presidente da República.

Portanto, nós viramos instituição. E tivemos de administrar coalizões amplas, tivemos de administrar aliados que não tinham necessariamente a mesma posição do PT, tivemos de aprender a conviver com essas diversidades, aprender a conviver com essas diferenças. E tentar imprimir o rumo principal na transformação da sociedade não era uma coisa fácil. Isso foi um desafio, extremamente, difícil de o PT superar.

Mas nós chegamos ao século XXI. Nós chegamos ao século XXI depois de, ao final dos anos da década de 1980, nós vivermos duas situações muito importantes. Primeiro, houve a crise do socialismo real. Nós vivemos a derrocada do regime soviético. Isso tem um impacto gigantesco no universo ideológico de pensar em como fazer a transformação de uma sociedade. Nós vivemos a queda do muro de Berlim, nós vivemos a derrocada do governo soviético e nós vivemos a lógica de construir o

socialismo no Brasil a partir das lutas dos movimentos sociais que eram, essencialmente, reivindicativos e pouco formuladores de novos projetos de sociedade.

Então, nesse momento, nós crescemos. Nós fomos ao segundo turno das eleições presidenciais em 1989. Evidentemente, ao ter essa situação de crescimento enorme, nossas relações, com a rebeldia, diminuíram. Nós passamos a ser um pouco partido da ordem. Nós passamos um pouco a ser o partido da administração, do realizar obras, do fazer coisas para a transformação da sociedade e a melhoria das condições de vida das pessoas. E nós conseguimos fazer isso.

Porém havia a chama das ruas que não para. E as demandas cresceram, as demandas mudaram. Nós governamos o país de 2003 a 2015. Portanto, durante 12 anos, nós administramos o país. Nós estamos governando a Bahia de 2006 a 2019, e vamos continuar até 2022. Espero continuarmos depois de 2022.

Nós não estamos mais no primeiro mandato. Não é possível a gente desconsiderar os impactos de gerir e ter tirado milhões de pessoas da pobreza absoluta, ter diminuído a desigualdade do país, ter feito uma reestruturação profunda em vários elementos importantes da sociedade baiana, modificando, inclusive, a forma de perceber o papel do governo do estado. Não é possível que a gente passe isso sem efeitos sobre nós.

O que está acontecendo?

Nós temos uma situação nova na segunda década do século XXI. (Lê) “Depois das experiências dos governos Lula e Dilma e de quatro mandatos durante os governos de Wagner e Rui, estamos em outros tempos. Agora, estamos em outro mundo.

Os metalúrgicos não são mais a vanguarda da luta dos trabalhadores, e lutam para preservar os seus empregos em acelerada redução. O mesmo acontece com os petroquímicos, com os petroleiros, além do aumento da precarização do trabalho na construção civil. E o movimento que cresce é o trabalhador do *Uber* e do *Uber Eats* na bicicleta. As relações de trabalho privilegiam os vínculos trabalhistas mais precários. A uberização ocorre em várias formas, em vários momentos.

Nós temos um crescimento gigantesco das pessoas jurídicas de uma pessoa só. Nós temos um crescimento enorme do trabalho de sobreaviso. Nós temos um crescimento enorme do trabalho em casa. Há a situação de prontidão permanente. Há uma valorização artificial da concepção de empreendedorismo que significa, em última instância, jogar cada pessoa na selvageria da disputa pela sobrevivência, sem garantias de direitos sociais já conquistados coletivamente depois de muitos anos de luta.

O desemprego mantém-se, extremamente, elevado por muitos anos. As ocupações criadas são as de pior remuneração, mais precárias e facilmente descartáveis. No setor público, a legislação avança celeremente para quebrar a relativa estabilidade, possibilitar a redução de salários e reduzir os direitos dos aposentados.

Neste novo mundo, a concentração de trabalhadores por local de trabalho diminui. Dificilmente, vamos encontrar grandes concentrações de trabalhadores como tínhamos nas décadas de 1980 e 1990.

O próprio conceito de local de trabalho se modifica. O trabalho é disperso, principalmente no setor de serviços, e concentrando em pequenas e médias empresas, além do emprego informal e o trabalho doméstico. Para esses trabalhadores, aqueles apelos da década de 80 precisam ser atualizados, adaptados, e precisam reconquistar os desejos de sonhos destes que são responsáveis pela produção da riqueza do país e que estão fora dos benefícios dessa produção de riqueza.

‘No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho’, como dizia o poeta Drummond. O golpe do *impeachment* da presidente Dilma muda o quadro político institucional, prepara o caminho para a vitória de Bolsonaro e tira do jogo o melhor candidato que tínhamos: o presidente Lula. Haddad foi um sucesso dadas as circunstâncias.

Agora, na segunda década dos anos 2000, estamos vivendo um furacão de mudanças sociais, inclusive provocadas pelas próprias políticas dos governos Lula/Dilma que incluíram milhões de pessoas na economia monetária. Trouxemos milhões de empregados domésticos para o mundo moderno, retirando-os, principalmente as mulheres negras, de uma situação de quase escravidão.

Os segmentos médios da sociedade foram confrontados com a chegada de milhões de outros que saíram da pobreza e dos pontos mais baixos da distribuição de renda e queriam mais e melhores políticas sociais, em um mesmo momento em que a economia mundial patinava e a demanda das *commodities* minerais e alimentares se contraía. A economia mundial deixava de crescer e a financeirização avassalava as relações econômicas do mundo inteiro.

Fomos derrotados nas eleições de 2018 e não foi apenas uma derrota eleitoral. O país entra em um novo momento histórico, profundamente diferente do período da transição democrática. Novos rumos e novos desafios se impõem. Desde os tempos de Temer, depois que o ano de 2015 foi inviabilizado pela oposição parlamentar de Eduardo Cunha, o país afundou no desemprego, estagnação econômica, refluxo dos movimentos sociais e poucas reações importantes, mas pontuais, contra a destruição do estado brasileiro. A ultradireita brasileira cresceu, se apresentou na sua selvageria e ganhou as eleições. O centro político se desminlinguiu e as chamadas lideranças democráticas viraram pó. Espalhou-se a ilusão de que lideranças não-políticas poderiam ser a salvação da crise do país.

Perfis de candidatos passaram a se moldar não mais na capacidade de mobilizar as pessoas em busca de sonhos e esperanças, mas se apresentarem como ‘técnicos’ e executores de ações de governo. A ilusão ainda não se desfez e estes perfis continuam sendo perseguidos, em um processo de continua desmoralização da política, que só favorece ao viés autoritário deste momento.

Os investimentos, que cresciam nos governos do PT, se contraem hoje, sinalizando medíocres taxas de crescimento para os próximos anos. Hoje não dependemos da importação de petróleo bruto devido às descobertas do pré-sal, mas aumentamos a nossa dependência da importação de gasolina, diesel, QAV e até do gás de cozinha porque não investimos em novas refinarias e desintegramos a Petrobras,

que caminha para se transformar em uma empresa principalmente exportadora de petróleo cru.

A inflação, grande problema das décadas de 80 e 90, agora está sob controle e as lutas dos trabalhadores não são mais para repor as perdas inflacionárias dos salários, mas para ampliar o seu valor real.

O poder do capital financeiro aumentou nestes 40 anos, mas mudou sua forma. Os bancos continuam importantes, mas os fundos de investimento mobilizam as poupanças de milhares de brasileiros e brasileiras. Hoje, as bolsas de valores são um grande sucesso no meio da miséria crescente, os ganhos dos fundos de investimento e dos bancos são pornográficos em relação aos salários e mesmo aos lucros oriundos das atividades produtivas.

Naquele tempo, há 40 anos, o PT surgiu para ser a voz rebelde das ruas, para disputar o poder institucional e para avançar na consciência do nosso povo na construção de uma sociedade sem explorados e sem exploradores. Fizemos muito, mas também não fizemos muito, especialmente no confronto direto com as forças efetivas que controlam o poder real da sociedade: o capital, os meios de comunicação, a Justiça e as Forças Armadas.

Novas pautas cresceram na luta dos trabalhadores. As mulheres afirmam sua cidadania e a luta contra o racismo afirma a importância civilizatória do combate a essa herança da escravidão. As populações LGBTQs buscam seus espaços de liberdade e reconhecimento, assim como as juventudes querem protagonizar as escolhas de seus futuros.

Agora, neste novo tempo, de volta à planície, é preciso reencantar as bases militantes e os milhões de apaixonados pelo partido. É preciso reacender a chama do sonho e da possibilidade de transformação da sociedade. Uma vida melhor é possível, e ela será principalmente obra da ação coletiva das majorias. Reconquistar esses corações é nossa principal tarefa, da mesma forma que há 40 anos incendiámos a imaginação dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros e brasileiras.

Quarenta anos atrás os líderes conservadores eram Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Hoje, Trump e outros do seu tipo, como o próprio presidente Bolsonaro, fazem este papel bufão com um ideário ainda mais conservador do que no passado. A luta continua.

Nos anos 80, saímos da ditadura para um regime mais democrático, que, hoje, está ameaçado por iniciativas autoritárias e fascistas que tentam destruir o arcabouço de pacto político que se constituiu depois da Constituição de 1988.

Assumimos governos estaduais e o governo federal e viramos bastante institucionais.

Se falharmos nessa imensa tarefa de encantar as almas dos milhões de brasileiros e brasileiras, especialmente os mais jovens, mais pobres e mais necessitados, resgatando o papel da política de dar espaços efetivos para novas lideranças que correspondam a esse perfil militante, o PT, enquanto partido político, pode se tornar obsoleto e moldar-se aos outros partidos da ordem. Não surgimos apenas para fazer obras e gerir o governo na ordem atual. Queremos mudar essa ordem.

Como diz a bela música de Caetano Veloso *Fora de Ordem*:

‘Aqui tudo parece

Que era ainda construção

E já é ruína

Tudo é menino, menina

No olho da rua

O asfalto, a ponte, o viaduto

Ganindo pra lua

Nada continua...’

E a música de Caetano, mais tarde, diz ainda:

‘Eu não espero pelo dia

Em que todos

Os homens concordem

Apenas sei de diversas

Harmonias bonitas

Possíveis sem juízo final

Alguma coisa

Está fora da ordem

Fora da nova ordem

Mundial...’”

Viva o PT! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): As companheiras Moema Gramacho e a consulesa Milena Caridad pedem que seus discursos sejam incluídos nos Anais desta Casa e abrem mão de suas falas para dar celeridade à nossa sessão.

Para dar celeridade, eu aproveito também, governador... Antes de escutarmos tanto o senador Jaques Wagner quanto o governador, nós escutaremos, neste momento, a música “Deixa a Vida Me Levar”, com cantora Yzalú e o DJ Branco. Eu queria, inclusive, agradecer-lhes por terem se deslocado de São Paulo para estarem aqui conosco.

(Uma pessoa fala fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): No final? Sem problema.

Então, vamos inverter, aqui, a nossa ordem.

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero passar a palavra ao nosso prezado senador Jaques Wagner. (Palmas)

O Sr. JAKES WAGNER: Boa noite às companheiras e companheiros do PT e dos diversos partidos que estão aqui conosco neste momento ímpar.

Eu acho um momento alto de comemoração dos nossos 40 anos. Eu vou falar muito rapidamente para valorizar a fala do nosso governador Rui Costa e apenas citar, lembrando que foi aqui, na Bahia, no Hotel da Bahia, em 1978, que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, convidado para um congresso de petroquímicos e petroleiros, pela primeira vez falou da necessidade de nós fundarmos um partido dos trabalhadores, o que veio a acontecer em 1980.

E como primeiro presidente do partido, na época como líder sindical do setor petroquímico, orgulho-me muito da nossa trajetória.

E quero parabenizar, aqui, Rosemberg e Marcelino porque, talvez sem vocês combinarem, a política é feita de símbolos e vocês trouxeram como homenageados especiais da Comenda Dois de Julho dois símbolos da história do PT, e dois símbolos que, de uma certa forma, representam a fundação do PT: Alcides, 12 anos como padre da Igreja Católica Apostólica Romana; José Sérgio, como ex-militante da Ação Popular, na clandestinidade até 1979, quando saiu a Lei da Anistia. E o PT foi fundado 1 ano depois.

Aqui está a síntese do que foi a fundação do PT. Aqueles que eram humanistas, aqueles que eram pela justiça social, os revolucionários dos movimentos de esquerda clandestinos dos diversos partidos se reuniram em torno de um outro símbolo, Luiz Inácio Lula da Silva, que, naquela época, era o símbolo maior da luta pela democracia, pelo retorno à democracia e pelos direitos sociais e dos trabalhadores.

É incrível como é que, na minha opinião, essa combinação acontece aqui hoje. Alcides disse que vai buscar na história de Canudos a inspiração para dizer: “A luta continua”.

Enquanto não atingirmos um planeta com sustentabilidade ambiental e social nós não descansaremos, tanto aqueles que já se foram, nós, que estamos de passagem, e os que vão aparecer para continuar nessa luta.

José Sérgio Gabrielli, o intelectual militante, que dedicou também – não só na AP, mas no próprio Partido dos Trabalhadores e nas universidades – toda a sua inteligência, toda a sua cultura exatamente para contribuir e organizar a luta dos trabalhadores, que aqui fez um discurso para nós, projetando o futuro e mostrando que se nós queremos valorizar a caminhada de 40 anos que já tivemos, da qual eu tenho um profundo orgulho... Que me permitam os partidos que aqui nos homenageiam, eu não conheço uma contribuição mais efetiva à democracia brasileira, à prosperidade da economia brasileira, à inclusão social como os anos de ouro, como disse o Banco Mundial, de 2003 até 2013, o primeiro e o segundo governos do presidente Lula e o começo do governo da presidenta Dilma.

Então, parabéns a esta Casa. Nós, do Partido dos Trabalhadores, nos orgulhamos muito de estar aqui desde o tempo de Alcides, primeiro deputado estadual do PT na Bahia, e depois eu ladeando ele, porque em 1990 Alcides foi o primeiro deputado federal, não da Bahia, o primeiro deputado federal do PT do Nordeste, com 16 mil e poucos votos, e eu fiquei em segundo lugar, com 11 mil e poucos votos, e fui incluído exatamente pelos votos que o PT teve.

E tem uma passagem com Alcides que mostra muito a identidade de Alcides com Gabrielli, porque trajetórias diferentes se encontram nas qualidades fundamentais que nós precisamos para o exercício da política: absoluta integridade, absoluta honestidade intelectual, absoluta rigidez com o trato do dinheiro público, que são pré-requisitos para que a gente possa estar numa política efetivamente transformadora.

Alcides e Gabrielli são símbolos para nós exatamente porque carregam em si a essência, que não foi o PT que lhes deu. O PT lhes deu a forma de luta atual. Quem lhes deu isso foi a história de vida de cada um, desde a família, desde o nascimento: integridade, honestidade intelectual e absoluta rigidez no trato da coisa pública.

Parabéns ao PT. Parabéns pelos dois militantes que vocês homenageiam.
(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Ouviremos agora o pronunciamento do Excelentíssimo Sr. Governador do Estado, Rui Costa. (Palmas)

O Sr. RUI COSTA: Boa noite a todos e todas.

Eu quero, rapidamente, saudar toda a Mesa cumprimentando o presidente da Assembleia, Nelson Leal; cumprimentar e abraçar os dois homenageados, Alcides e Gabrielli, e nas pessoas dos dois me permitam cumprimentar toda a Mesa para que a gente ganhe tempo em função do adiantado da hora.

A imprensa me perguntou, antes de eu entrar aqui, no Plenário, como eu me sentia e como eu via esta sessão de homenagem aos 40 anos do PT. E eu disse que comemorar os 40 anos do PT é um pouco rever e lembrar da história de vida de cada um de nós, que se confunde com a história do PT, porque é uma história de doação: doação pessoal, doação coletiva.

Como disse Wagner, o PT proporcionou que todos nós, vindos de origens diferentes, de lugares geográficos diferentes – aqui, os dois homenageados são a expressão disso. Um com a vida mais urbana e o outro representando o sertão e o interior da Bahia –, alguns vindos da favela, como eu vim, de mãe doméstica, outros vindos de classe média, outros vindos da militância religiosa, nos juntássemos, com visões de mundo, às vezes, diferentes pela nossa formação pessoal, mas todos nós com um único objetivo: buscando justiça social.

Essa era e é a síntese que sempre nos uniu.

Brigamos muitas vezes. Quantos congressos, debates, com chapas, com disputas político-ideológicas ao longo desses 40 anos, disputando caminhos, disputando rumos, disputando prévias, disputando plenárias, encontros, mas sempre – eu diria que foi a marca do PT ao longo desses 40 anos – todos respeitavam o PT por conta disso, diziam que o PT briga, briga, mas quando se une é um *tsunami* nas ruas e junto à população.
(Palmas)

E muitos companheiros... Aqui lembro do companheiro Zezéu, que tem tudo a ver, é a expressão da história do PT da Bahia, junto com tantos outros militantes. E essa é a marca nossa, cada um de nós... muitos entraram, se filiaram, começaram a militar

sem ter um arcabouço de concepção político-ideológica, nem de tese elaborada sobre a sociedade, mas impulsionados pelo sentimento de justiça. E é isso que nos traz até aqui.

E eu quero expressar que essa foi a minha entrada no PT, como alguém que passou fome na infância, que em alguns dias não tinha o que comer, como alguém que cresceu vendo a mãe fazer trabalho social de cuidar das crianças muito pobres, dos idosos muito pobres da favela, e isso foi despertando um sentimento de indignação, porque o meu pai trabalhava tanto, a minha mãe trabalhava tanto e isso não era o suficiente para botar comida em casa para os filhos ou para a família viver de forma minimamente digna. E foi esse sentimento que me fez entrar inicialmente na luta sindical e, ato contínuo, na luta política e me fez filiar-me ao PT em março de 1982, quando eu tinha 19 anos de idade. E é isso, é essa caminhada que nós fizemos.

Então, a sociedade mudou. E eu sugeria, me alinhando aqui ao texto de... depois, se puder passar por e-mail para eu ler ou por “zap”, para eu ler com mais calma, ao texto de Gabrielli... Eu vi recentemente um texto de Márcio Pochmann, onde, até num debate no Rio Grande do Sul, ele afirmava que a sociedade que gestou o PT não existe mais. E o PT precisa se reinventar. Não se reinventar em novas bases. Eu diria com as mesmas bases, mas fazendo uma releitura da sociedade. Porque a nossa base sempre foi a proximidade com o povo que nós queríamos e queremos representar. Só que esse povo, no passado estava reunido nas fábricas. E nós fazíamos assembleia à meia-noite, na troca de turno; fazíamos grandes assembleias às 6 da manhã, às 5 da manhã, nas portas das fábricas. E o nosso diálogo com essas bases era permanente, constante. A gente influenciava e era influenciado por essas bases. E a partir dessa interação dialética é que nós formávamos as nossas posições.

Essa relação hoje se perdeu pela transformação completa do mundo do trabalho, pela forma como se organiza a sociedade. O que é que se mantém hoje? E o que guia, por exemplo as decisões do governador? É o sentimento de justiça. É o sentimento de governar para a maioria do povo da Bahia, a maioria do povo que ganha até dois salários mínimos – 92% do povo baiano ganha até dois salários mínimos.

A gente pode entrar aqui e afirmar que na história da Bahia nenhum governo, nenhum! entrou na favela para fazer obra de urbanização, de proteção de encostas... Quem acabou com a palafita, nos Alagados, foi o governo de Wagner, foi o nosso governo. Quem criou um programa para levar água, que a gente pode afirmar, nunca na história da Bahia em nenhum outro momento se fez tanto investimento para levar água para o Sertão, para quem não tinha água potável, para quem não tinha esgoto, para cuidar de gente pobre que vivia carregando lata d'água na cabeça ou se virando para comer, beber água barrenta, porque não tinha outra qualidade de água.

Quando, no plano federal, nós transformamos a oferta de ensino superior de ensino técnico para fazer a maior transformação e a maior oferta que se fez na história deste país, isso segue dando, claro, as nossas opções.

Agora, mais do que nunca, mais do que nunca, se nós queremos enfrentar o desafio de liderar um processo de enfrentamento à ditadura, de enfrentamento à retirada de elementos básicos do que é uma convivência social de respeito entre pessoas que

são diferentes, é preciso urgentemente a gente voltar, na minha opinião, ao que sempre foi o guia do PT, a relação nossa próxima da população de quem nós queremos representar. É urgente que a gente, nessa releitura, volte e fortaleça lá o que foi as nossas bases originais. Os núcleos que nós tínhamos nas favelas. E se não temos as fábricas para ter os núcleos, vamos buscar onde é que temos condições de organizar a sociedade, a juventude, e manter viva essa interlocução permanente. Hoje nós sofremos ataques gigantescos e ainda não encontramos uma forma de reagir ao ataque sistemático, midiático de robôs, que espalham calúnias, mentiras, e mesmo um governo como o do estado da Bahia boa parte da sua estrutura de comunicação quotidiana é para responder massivos ataques e calúnias espalhados em redes sociais e nós ainda não encontramos um formato para fazer desse o diálogo.

Esse é um fenômeno brasileiro? Não, esse é um fenômeno mundial. Você conversa com pessoas, lideranças democráticas de outros países, há uma perplexidade sobre a forma como se vai formando opiniões de ondas, necessariamente, e as ondas sem respeitar os direitos individuais, sem respeitar democracia, sem respeitar direitos fundamentais do ser humano.

Então eu diria que não é só um desafio no Brasil da esquerda ou dos humanistas no Brasil, dado inclusive os últimos resultados eleitorais em vários países, países que não se ouvia nem a expressão, como na Alemanha, depois de 50 anos, do fascismo. Mas hoje o fascismo passa a ter 10, 12, 15% da votação de várias áreas nacionais da Alemanha e o mesmo podemos dizer de outros países.

Portanto, o desafio nosso e a marca nossa será continuar como nós fazemos aqui, a opção pelos que mais precisam, a opção pelos pobres, enfrentando, porque não é fácil, não é fácil, Zé, quando você tem uma economia que há 5 anos patina. E se nós olharmos historicamente nos últimos 70 anos, quando foi que a economia brasileira ficou 5 anos seguidos patinando, ou é menos 2 negativo ou 0,9 ou 0,7 positivo. Isso no governo que não tem nenhuma noção e nem quer ter de relação institucional federativa, que persegue. Só para vocês terem uma ideia, nós abrimos juntos, Wagner e eu, e podemos afirmar: na história da Bahia é o período, e não tem outro, que se abriu mais hospital público de alto padrão, de alta qualidade para atender ao povo pobre que não pode pagar hospital particular. Todos que eu abri, todos, no meu governo, o Hospital da Chapada, o Hospital da Costa do Cacau, todos os serviços de saúde, e nenhum deles foi credenciado pelo SUS. O que significa isso? Que nós estamos bancando sozinho! Significa isso que são R\$ 200 milhões que a Bahia deixa de receber e tem que bancar sozinha. Em 4 anos, eu digo isso 4 anos, porque o primeiro foi entregue um ano depois, lá se vão R\$ 800 milhões! Todas as obras, ou a grande parte das obras que nós temos já realizadas, o governo federal não paga. Nós temos a receber R\$ 450 milhões do governo federal.

Para completar, hoje eu vi no grupo de governadores, e amanhã terá reunião, que o Nordeste foi a região onde se cortou mais Bolsa Família. E de cadastro novo, o Sudeste foi a região que mais fez cadastro. Vocês acreditam que em Santa Catarina foi feito mais cadastro de Bolsa Família registrado, ou seja, incluído do que o estado da Bahia?

Então, esse é o estado da arte que nós estamos vivendo em nosso país, e, portanto, é preciso, mais do que nunca que nós possamos unificar e alinhar nossa relação com, eu diria, quem tem na esquerda, no centro esquerda pensamentos humanistas de voltar a pensar num país inclusivo, num país que diminua a brutal desigualdade social que nós, mesmo governando 13 anos no plano federal, se diminuimos, se retiramos pessoas da extrema pobreza e tiramos milhares, boa parte delas, infelizmente, já voltaram a condição de pobres ou extremamente pobres após a nossa saída do plano federal.

Então, esse tem que ser o nosso guia e é urgente, urgente que nós encontremos formas de refazer no mundo moderno as assembleias que a gente fazia no passado. E se as formas não são aquelas, se os meios não são aqueles, quais são as formas e com quais meios vamos liderar o povo do CNPJ individual que são milhares, o povo que está no uber da vida. O uber carro, o uber comida, o uber serviço doméstico, o uber diversos. Como nós vamos estabelecer uma relação com eles, como vamos dialogar com eles, que proposta, que arcabouço de proposta nós vamos fazer.

Então, é esse o desafio que nós temos, é um desafio da leitura concreta, do diálogo com as pessoas e um desafio intelectual que nós temos que superar chamando todos para essa reflexão. Mas nós não podemos de forma nenhuma, se queremos liderar processos e hoje, somos quatro governadores do PT no Brasil, os três reeleitos no primeiro turno e os três com as maiores votações proporcionais do país: Bahia, Piauí e Ceará, (palmas) os três que enfrentam uma perseguição implacável, mas que têm números e dados.

Aqui, o Camilo faz uma leitura do formato de investimentos e disse que é o segundo lugar de investimento no Brasil e eu pego os números absolutos e digo que a Bahia é o segundo lugar de investimento no Brasil. O fato é que os nossos governos... o Piauí levanta outra tese, que em investimento proporcional a arrecadação ele é maior do Brasil. Todos têm razão, mas os três, ao mesmo tempo, estão mostrando o esforço, o acúmulo que não é individual, porque eu não acredito fazer política como nada na vida individualmente. Eu sou um ser social, eu sou fruto da favela, eu sou fruto do PT, eu sou fruto da luta sindical. (Palmas) Mas não podemos em hipótese nenhuma saber... se nós queremos construir a hegemonia, se queremos liderar pessoas nós temos que olhar a todos, dialogar com todos, mas na hora de fazer escolhas nós não podemos deixar de fazer escolha por quem está excluído, por quem está na pobreza, por quem está na miséria, por quem precisa da assistência médica, de quem está com câncer e precisa do Hospital da Mulher para ser atendida, que o governo federal não banca e nós temos que bancar sozinhos. Isso eu fico,... eu relato para vocês.

Alguém me perguntou outro dia: governador, qual é a maior emoção de ser governador? Eu disse: ouvir o depoimento das pessoas. Ouvi um depoimento de uma senhora numa das visitas que fiz, um ano depois de inaugurado o Hospital da Mulher.

Eu estava entrando e uma senhora saindo. Ela me abraçou, e com lágrimas no rosto, disse: “Que bom lhe ver aqui”. Eu disse, é um prazer lhe encontrar. Você foi atendida aí? Ela disse: “Só vocês, só o PT para construir isso aqui para a gente. Isso aqui é um luxo. Eu nunca imaginava ser atendida da forma que eu fui, nisso aqui.” De

ver pessoas sendo atendidas na policlínica, e dizer: “Isso aqui é clínica particular, isso aqui é para pobre mesmo? Eu entrei aqui e não acreditei que um dia eu ia pisar os pés num lugar desse. Tinha máquina ali que eu nunca vi na minha vida. Eu tenho 60 anos de idade e nunca vi aquelas máquinas na minha vida. Eu nunca fiz aqueles exames. É a primeira vez na minha vida que eu faço um negócio desse”.

De ouvir o depoimento de uma jovem negra, lá em Ilhéus, depois que nós lançamos o Programa Mais Futuro, que dá uma bolsa por mês, hoje, a 8.300 jovens com cartão que ele saca todo mês, até 600 reais por mês, 600 por mês, para família de baixa renda, hoje atende 8.300. Um mês depois que eu lancei o programa, fui em Ilhéus e encontrei uma jovem negra, ela me abraçou e disse: “Muito obrigado, governador”. Eu disse, o que foi? Ela disse: “Pelo programa que você lançou, Mais Futuro. Eu sou filha de empregada doméstica e de um gari. Meu pai é gari numa cidade vizinha. Minha mãe está desempregada. E eu venho todo dia da cidade, pago passagem e tinha que comprar comida, mas meu pai já não estava mais conseguindo pagar minha passagem e muito menos eu comprar alguma coisa para comer. E eu ia trancar minha matrícula na universidade, aqui na UESC. E depois que você lançou o programa, eu cheguei em casa alegre e disse a meu pai e a minha mãe que vou ser a primeira negra de toda a minha família a se formar, a ter um diploma, graças a esse programa, porque não vou mais trancar a matrícula.” (Palmas)

Então, eu podia aqui citar “n” depoimentos. O do primeiro banho de chuveiro, que foi no governo de Wagner, no sertão da Bahia. O cabra, com a perna toda engessada e ele montou e a menina deu o depoimento: “Meu pai montou a instalação de água da casa toda, assim que Wagner veio aqui dar ordem de serviço. E ele aguardou, mês após mês, todo dia, ele ia ver a obra. Assim que a obra ficou pronta, ele deu azar, machucou a perna, teve que engessar a perna. Quando a água caiu na torneira, ele correu com gesso, com tudo, entrou debaixo do chuveiro, eu tentando tirar ele debaixo do chuveiro”, ele disse: “eu esperei 60 anos para tomar um banho de chuveiro e por causa desse gesso eu não vou tomar? Eu vou tomar banho de chuveiro, depois troco o gesso, mas vou entrar aqui no chuveiro.” (Palmas)

E ele foi lá todo molhado, com o gesso todo inchado, já, porque tinha acabado de utilizar o chuveiro pela primeira vez na vida dele, tinha 60 e poucos anos.

Então, é isso que nos faz gente, é isso que nos move, é isso que nos fez chegar até aqui e é isso que nos mantém aqui. É esse contato que nós não abrimos mão, com a maioria do povo. Eu vou completar agora, Wagner, 600 viagens ao interior da Bahia, 600 viagens. É um dia, a cada três no interior, num ritmo às vezes, sob humano e alucinante, para não perder o que eu aprendi lá em 1982, quando eu me filiei ao PT, que é junto do povo simples, ouvindo o povo que mais precisa, que a gente vai acertar e é assim que esse povo vai se sentir representado.

Sei que, ao longo da história, nós representamos outros segmentos sociais, representamos segmentos sociais como o dos servidores que são segmentos, comparada a sua renda com a da grande maioria, são segmentos que estão além, ou muito acima da linha de pobreza. E, muitas vezes, nos desafios efetivos que temos ao governar nos deparamos com eventuais conflitos. Mas os conflitos eu sempre decido

optando por quem me fez chegar até aqui que é a maioria do povo, que é o povo que mais precisa.

E essa é a história do PT, e enquanto essa for a alma do PT, a busca por justiça, enquanto o PT estiver ao lado e for símbolo, o PT, Eden, não acabou e não acabará. Não é por causa do número, ou por causa da sigla, mas é pelo que ele representa. Ele representa a alma do povo brasileiro que quer justiça, que quer igualdade social, que quer viver dignamente. Então, enquanto o PT representar isso, enquanto esperança, o PT não acabará. E para isso, Gabrielli, diferente do que se fazia na década de 80, os nossos governos que são os quatro únicos do Brasil, não por coincidência no Nordeste, não por coincidência na região mais pobre, nós somos o fio de esperança, as referências das opções políticas, das referências de políticas públicas que não são feitas por pessoas, eu vou insistir, são feitas pelo coletivo, pela história e pelo acúmulo do Partido dos Trabalhadores. Enquanto nós tivermos êxito nessa trajetória, nós vamos manter a chama acesa disputando a hegemonia deste país. E, queira Deus, nós possamos votar, em 2022, elegendo Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil. (Palmas)

Que Deus nos abençoe!

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Com a palavra a senhora Izalu.

A Sr.^a IZALU: Bom, primeiramente, gostaria de agradecer a receptividade da Bahia nesta Casa, cidade que eu amo que é Salvador.

Rapidamente falando eu estou muito feliz de ter conhecido Arany Santana, uma mulher negra, ocupando um cargo da Secretaria de Cultura, quebrando paradigmas num ambiente majoritariamente branco, de homens brancos.

E aí eu quero pedir aos meus amigos e amigas humildemente para que a gente dê uma salva de palmas para todas as mulheres nesses 40 anos de PT (palmas) que aqui estão também.

Um abraço a Vilma Reis, figura importante e necessária aqui da Bahia também. E eu vou cantar.

(Procede-se à apresentação musical.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Queria convidar a todos para cantarmos os parabéns pelos 40 anos do PT.

(Todos cantam parabéns.)

Em nome da Assembleia Legislativa, agradeço a presença de todos, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, enfim, de todos que se fizeram aqui presentes.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.